

**35° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**GT 08 – EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

**TRAJETÓRIAS E FABRICAÇÃO DOS DESTINOS  
DAS MENINAS DO COLÉGIO *SION***

Angela XAVIER DE BRITO  
Doutora pesquisadora, CNRS-Paris

Um exame da literatura em sociologia da educação brasileira deixa perceber que as análises que visam à abordagem do desenrolar temporal dos processos sociais subjacentes aos percursos individuais são relativamente escassas. Essa disciplina tem realizado boas análises estruturais, mas pouco se consagrou ao sentido que os jovens das diferentes classes sociais, em particular aqueles de sexo feminino, atribuem à relação entre seus itinerários pregressos e suas escolhas de vida.

Parto do princípio que os fatos sociais podem ser melhor apreendidos por uma análise a níveis múltiplos (Ogbu, 1981), onde a articulação de diferentes métodos e instrumentos de pesquisa permita quebrar a oposição entre abordagens quantitativas e qualitativas (Battagliola et al., 1993) e abranger simultaneamente os aspectos sincrônicos e diacrônicos da realidade. Proponho-me, dessa forma, a fazer uma interpretação das práticas de acesso ao ensino superior no Brasil que introduza o princípio das variações individuais — ou seja, uma análise que mostre as diferentes maneiras que os indivíduos tem de se conformar ou de reagir a « um modelo, um princípio, um sistema » (Lahire, 2006, p. 10). Deter-me-ei no Brasil dos anos 1960, em particular sobre as antigas alunas do colégio *Notre Dame de Sion* do Rio de Janeiro (Xavier de Brito, 2010) — colégio de elite que eu mesma frequentei durante treze anos (1949-1961), o que torna esse artigo parte desse exercício sociológico extremamente árduo que é a objetivação da trajetória do pesquisador (Bourdieu, 2004). Centrarei minha atenção num ponto fulcral de seus percursos, ou seja, no momento em que elas deixam o ambiente protegido da escola — numa época onde era costume realizar praticamente toda sua formação num só estabelecimento — e são levadas a definir um projeto que confirme seu status de adultas e que dê sentido a suas vidas como seres autônomos. Minha intenção é buscar perceber, além do momento mesmo das escolhas realizadas, a inteligibilidade de sua relação com as cadeias temporais de uma vida, a tessitura entre os momentos fortes dos percursos e as decisões que orientam seu futuro.

A abordagem fundada na análise das trajetórias atravessou a história da sociologia mundial, aparecendo e desaparecendo segundo as guinadas do pendulo teórico. Cunhado pela Escola de Chicago a partir de *The Polish peasant* de Thomas e Znaniecki (1918-1920), esse método praticamente desapareceu com a predominância do funcionalismo, re-emergiu no início dos anos 60 nos Estados Unidos graças à segunda geração de Chicago, com Goffman (1961) e Becker (1963). Os conceitos de « carreira moral » e de

« carreira » desses autores enfatizavam ambos a importância da situação, que Thomas já havia enunciado em seu conhecido teorema : *if men define situations as real, they are real in their consequences*. A Inglaterra adotou rapidamente a abordagem interacionista mas, para que ela ingressasse na França, foi preciso esperar o enfraquecimento do estruturalismo e do marxismo, paradigmas dominantes na época.

Três são as principais correntes precursoras desse movimento : as « histórias de vida », inauguradas por Daniel Bertaux (1976a, 1976b, 1977); as « trajetórias », teorizadas por Pierre Bourdieu (1979, 1986, 1989); e a « sociologia clínica », criada por Vincent de Gaulejac (1987, 1999). Bertaux (1976a, p. ii) sugere « uma maneira mais estruturalista e objetivista de utilizar as histórias de vida » diferente de como elas eram praticadas pelos pesquisadores da Escola de Chicago. Ele se centra sobre a análise das práticas dos agentes, colocando « em relação as trajetórias de vida e os sistemas de relações socio-estruturais que lhes imprimem suas formas particulares » (Bertaux, 1976a, p. i). Segundo ele, « as histórias de vida [...] restituem a dimensão temporal inerente a toda atividade e a profundidade histórica dos processos sociais, analisando simultaneamente os tempos biográficos e os tempos históricos » (Bertaux & Bertaux-Wiame, 1980, pp. 209-210). Já para Bourdieu, a trajetória se refere ao indivíduo socialmente construído, não ao indivíduo biográfico, na medida em que a singularidade dos indivíduos se forja nas e pelas relações sociais. Como a trajetória social diz respeito « à evolução ao longo do tempo das propriedades » do grupo analisado (Bourdieu, 1979, p. 528), ela só pode ser bem compreendida à condição que se construa previamente os « estados sucessivos do campo onde ela se dá, o conjunto das relações objetivas que ligam o agente em questão [...] ao conjunto dos outros agentes presentes no mesmo campo, que se defrontam com o mesmo espaço de possíveis » (Bourdieu, 1986, p. 72). Por sua vez, Vincent de Gaulejac (1987, 1999) enfatiza a dimensão psíquica em sua análise das trajetórias individuais, levantando o problema da identificação inconsciente. Os indivíduos não se definem apenas com relação ao grupo a que pertencem ou à situação social que ocupam, mas em relação à sua própria identidade. Ao articular sociologia, psicologia e psicanálise, ele demonstra que o indivíduo está inserido ao mesmo tempo em histórias pessoal, familiar, institucional e social. Desta maneira, as relações intra-psíquicas e intra-familiares são intimamente associadas às relações de dominação.

Apesar das críticas mútuas que se fazem esses autores entre si, todos eles se inscrevem em menor ou maior grau dentro do paradigma estruturalista. Só se pode realmente falar em mudança de paradigma quando a sociologia francesa se abre às correntes anglo-saxãs, que propõem a compreensão do devir biográfico como produto da interação dialética entre a determinação das estruturas e a capacidade de ação dos indivíduos. Os fenômenos sociais passam a ser necessariamente analisados em seus componentes individuais e na diacronia, abrindo espaço à emergência de conceitos adequados à construção de modelos sequenciais, como os de « carreira » (Becker, 1985, p. 47) e « carreira moral » (Goffman, 1961, pp. 127-128). O conceito de carreira propõe assim um regime de objetivação próprio à sociologia interacionista (Darmon, 2008), através do qual se pode analisar como o ator incorpora ou integra a estrutura social sem que nenhum deles seja determinado pelo outro.

No entanto, com o passar do tempo, o uso do que se agrupa hoje em dia sob o nome genérico de trajetórias acabou se tornando coisa banal, da qual nem sempre se tiram todas as conseqüências necessárias para o estudo do objeto. Emprega-se indiscriminadamente « história de vida », « trajetória » ou « carreira » sem refletir sobre a filiação teórica desses conceitos (Passeron, 1989, p. 20), sobre suas diferentes exigências e implicações metodológicas. Atenta a essa objeção, minha abordagem dos percursos das antigas alunas do colégio *Sion* favorece claramente o conceito de « carreira », como veremos abaixo.

A fabricação dos destinos humanos tornou-se uma das questões centrais da sociologia moderna. Assim, o que me interessa aqui é mostrar de que maneira as meninas de *Sion* fabricaram os seus e sobretudo, como esses atores sociais interagiram com a influência dos processos de socialização familiar e escolar. De onde emanaram as disposições que colocaram à prova na vida adulta : do ambiente familiar, da influência de alguns « outros significativos » (Mead, 1934), do contato com os pares no colégio, do capital social acumulado na escola, das redes sociais que frequentaram, de uma combinação de vários desses fatores ? Como se articulam as diversas gerações para a transmissão de modelos e valores ? Que inspiração lhes permitiu forjar seus projetos ? Que contradições tiveram que atravessar ? Chegaram elas a realizar seus desígnios, e até que ponto ? Ou seja, com referência à conhecida frase de Sartre (1952), o que elas fizeram do que fizeram delas?

A base empírica dessa opção metodológica é, como já evoquei acima, a análise do processo de escolha que se dá no momento da articulação entre a saída do colégio e a entrada na vida social, momento em que elas tem que fazer a difícil opção entre o casamento, o acesso à universidade e as perspectivas profissionais.

Não esqueçamos que o acesso ao ensino superior das mulheres nessa época ainda estava fortemente condicionado pela formação histórica do ensino secundário feminino, feito com grande atraso com relação aos homens<sup>1</sup> e pelo caráter propedêutico desse nível de formação. As mulheres só tiveram acesso efetivo ao ensino secundário em meados dos anos 1930. Até essa data, a principal via de *achievement* (Parsons, 1937) lhes era negada : elas só podiam manter o *status* familiar ou operar uma ascensão social através do casamento ou, por vezes, da entrada num convento. Os anos 1960 lhes propiciaram aberturas mais sistemáticas, como a possibilidade de freqüentar uma universidade e trabalhar fora mesmo sendo casadas. Essa base institucional permitiu que parte delas conseguisse superar os limites da educação que as preparava para ser « esposas cultas e mães de família ‘felizes’ » (Saint-Martin, 1990, p.67) e fosse mais longe na formulação de seus projetos de vida, embora a representação social dominante da mulher ainda a quisesse dentro do lar, de preferência não muito instruída. As formas de socialização recebidas na família e no colégio reforçavam ambas os limites sociais então impostos às mulheres, sem deixar de imprimir-lhes o influxo moral que fará delas « mulheres fortes » no sentido bíblico (Moulinet, 2011).

A turma 1949-1961, se compunha de 33 alunas que cursaram o Sion durante pelo menos dez anos. Dessas, vinte responderam ao longo questionário de mais de 100 quesitos enviado pelo correio, que me permitiram obter a estruturação de suas vidas progressas a partir das grandes regularidades estatísticas. Oito delas se prontificaram a me conceder entrevistas de mais de três horas, através das quais pude obter os aspectos dinâmicos de seus itinerários associados à « interpretação pessoal de sua própria

---

<sup>1</sup> Excetuando os colégios jesuítas fundados antes de sua expulsão em 1759, o primeiro estabelecimento secundário masculino, o colégio de Caraça, foi fundado em 1821 pelos padres lazaristas, em Minas Gerais; e o Pedro II, público, fundado em 1837 no Rio de Janeiro. Os primeiros estabelecimentos femininos, obra das freiras da mesma congregação lazarista, são respectivamente o colégio Providência, (1849, Mariana, MG) e o colégio Imaculada Conceição (1850, Rio de Janeiro, RJ). Ambos não tem nível secundário, tem no máximo um curso complementar de dois anos após o primário.

história » — que « é o nó da construção do *self* na vida social moderna », segundo Marianne Gullenstad (1999, p. 13).

Uma primeira análise global mostra que oito alunas — cerca de um quarto do total — pareciam saber bem o que queriam da vida, pois tinham um só projeto, exclusivo e prioritário, ao deixar o colégio, em sua grande maioria ligado à vida ativa. Como mostra a tabela I (ver p. 7), metade delas (quatro alunas) tinha como único projeto « *cursar uma universidade, se formar* » e duas manifestaram sobretudo o desejo de « *ter uma carreira profissional* » — sem sequer mencionar o casamento. Apenas as duas últimas assumiram integralmente o papel para o qual tinham sido socializadas, tendo por projeto exclusivo « *casar e ser donas-de-casa* ».

Entre as que declararam um duplo projeto, o casamento é claramente a via prioritária. Com efeito, das doze alunas nesse caso, sete exprimem claramente o desejo de combinar casamento e formação universitária — o que não significa que pretendam necessariamente seguir uma vida profissional. Apenas uma combina logicamente a frequência a uma universidade e o exercício de uma profissão.

As últimas quatro alunas interrogadas pareciam querer tudo e mais um pouco : têm três e até quatro projetos de vida. Três delas colocaram as perspectivas profissionais em primeiro lugar, sem negligenciar a formação, o casamento e até mesmo, como Angelina, a possibilidade de « *se apaixonar e viver um grande amor* » ; a última privilegiou claramente o casamento, sem abandonar a possibilidade de se formar e exercer uma profissão.

No total, dezesseis alunas manifestaram o desejo de ter uma formação universitária — quatro como projeto exclusivo, doze em associação com outros projetos. Nos anos 1960, ao nível social das meninas de *Sion*, era difícil exercer uma profissão qualificada sem um diploma de graduação. Nesse último caso, restava-lhes talvez o caminho das « artes », provavelmente como amadoras, que algumas moças da minha população seguiram efetivamente. Ao sentir que o vento estava mudando, parte das famílias fez uma certa pressão para que suas filhas seguissem um curso universitário : um terço da população feminina em nível nacional já chegava à universidade nessa época (Brasil, MEC, 1960). É possível que a crescente valorização social da formação universitária tenha sido a razão que as levou a manifestar o desejo de cursar uma universidade — seja para manter o patrimônio cultural familiar, quando vinham de uma linhagem de políticos

locais, intelectuais ou professores ; seja para melhorar o *status* familiar, no caso das famílias que tinham experimentado um declínio social e econômico. No entanto, a posse do diploma estava longe de significar que elas iriam necessariamente exercer a profissão para a qual tinham sido formadas. A universidade exercia antes o duplo papel de « dote escolar » (Singly, 1982) — ao legitimar para fins do mercado matrimonial a cultura geral adquirida no colégio — e de formação profissional — que ampliava seu horizonte de possíveis e lhes abria a possibilidade de um dia se dedicar a uma profissão, caso viessem a ter necessidade ou quisessem ter uma certa independência dentro da relação conjugal. Raramente havia, no entanto, uma perspectiva de carreira profissional.

Esse destino apresentava similaridades com o da nobreza francesa, quando sentiu que o mundo que valorizava apenas a *ascription* estava começando a mudar; e que o *achievement* através do exercício de uma profissão podia abrir-lhes outras portas, para usar as categorias parsonianas (Parsons, 1937). Nessa conjuntura, a Duquesa de Brissac<sup>2</sup> chegou a escrever um romance, cujo herói aconselhava os jovens nobres « a não recuar passar, se preciso for, pela *École Centrale*, pela *École Normale* ou uma outra qualquer. O jovem nobre não será necessariamente um engenheiro ou um professor, mas terá em seu cérebro o instrumento, em sua gaveta o diploma necessário [para] exercer uma carreira, se sua situação de fortuna o obrigar » (Saint-Martin, 1980, p. 11).

Para as mulheres dessa época, esse importante investimento simbólico estava estreitamente imbricado a uma perspectiva de aliança, ainda que não de forma explícita. A formação universitária passa a integrar as artes que contribuía a um clima agradável no lar, permitindo a valorização das jovens no mercado matrimonial. Com efeito, o fato de terem sido socializadas num colégio de freiras com a reputação do *Sion* talvez já não fosse o bastante para seduzir pelo menos uma fração dos homens candidatos ao casamento, junto com atributos mais tradicionais, como a beleza ou a fortuna. A obtenção dessa « riqueza cultural que é o diploma [vai contribuir] para a equiparação das riquezas masculinas e femininas no processo de escolha do cônjuge » (Singly, 1982, p. 8). A PUC-RJ — onde todas elas se matricularam, sem escapar ao condicionamento feminino da área de ciências humanas e sociais — aliava o útil ao agradável, por ser considerada um viveiro de « bons partidos » pertencentes às elites católicas.

---

<sup>2</sup> Duchesse de Brissac, *Dans l'ornière*. Paris, Plon, 1905, *apud* Saint-Martin, 1980, p. 11. A *École Centrale des Arts et Manufactures* (EC) e a *École Normale Supérieure* (ENS) fazem parte das *Grandes Écoles*, prestigiosas instituições francesas de elite destinadas a formar engenheiros civis e professores dos liceus.

**TABELA I**  
**PROJETOS DE VIDA DAS ALUNAS DE SION**  
**NO MOMENTO DE SAIR DO COLÉGIO**  
**E SEU GRAU DE REALIZAÇÃO**

TIPO DE PROJETO	QUALIDADE	GRAU DE REALIZAÇÃO
<b>Projeto profissional</b> (duas alunas)	<b>Como projeto exclusivo</b> Aliana Cecília	Sim, considera tê-lo realizado Não, pensa que não o realizou
<b>Projeto universitário</b> (dez alunas)	<b>Como projeto exclusivo</b> Ana Maria Maria Regina Neuza <sup>3</sup> Stella M.	Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado ao casamento</b> Maura Vera	Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado a projetos profissionais</b> Anna Lucia	Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Associado a projetos profissionais e ao casamento</b> Angela Angelina Stella F.	Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado
	<b>Projeto de casamento</b> (oito alunas)	<b>Como projeto exclusivo</b> Amanda Thereza
	<b>Associado a projetos universitários</b> Alice Glória Maria Maria Teresa Silvia Vera Lucia	Realizou-o apenas parcialmente Sim, considera tê-lo realizado Sim, considera tê-lo realizado Não, pensa que não o realizou Realizou-o apenas parcialmente
	<b>Associado a projetos universitários e profissionais</b> Sonia	Sim, considera tê-lo realizado

Fonte: questionários

Desse ponto de vista, as famílias e as irmãs de *Sion* manifestavam perfeita identidade. Segundo Amanda, certas freiras estimulavam as alunas a « *se preparar muito bem, porque vocês serão as esposas de ministros, embaixadores e empresários* ». Antecipando ou reforçando a mensagem do colégio, as famílias, particularmente aquelas em recuperação de *status* ou em ascensão social, instigavam as filhas à busca do melhor

<sup>3</sup> Duas alunas, Neuza e Vera Lucia disseram ter realizado seus projetos, mas as contradições em suas respostas me impediram de contabilizá-las entre as que disseram Sim. Incluí-as na categoria « Realizou-o apenas parcialmente ».



partido, com nome, fortuna, *status* social e poder. A mãe de Stella F., por exemplo, «*ficava muito encantada quando eu namorava alguém que tinha um nome de família e tal... Às vezes eu fazia coisas que eu achava terríveis, porque não gostava de certos rapazes e namorava por causa do nome*».

Assim, as respostas das doze alunas que declararam um projeto duplo ou triplo eram condizentes com as condições locais da época : metade delas (seis alunas) queria primeiro se casar, embora gostasse de passar antes por uma universidade. Se isso não fosse possível ou se tivessem que interromper os estudos para se casar, tanto melhor. A outra metade invertia essa ordem de prioridades, querendo primeiro cursar uma universidade e depois se casar — mas o casamento figura em todos esses projetos de futuro. No Brasil dos anos 1960, a idéia de ficar solteira e se lançar numa carreira profissional era uma exceção entre as mulheres. A perspectiva de tornar-se uma «*solteirona*», por mais qualificada que ela fosse, ainda era vista com pavor. Em vista disso, pergunta-se : Que caminhos lhes facultava a sociedade para sua realização enquanto indivíduos ? Que tipos de carreiras lhes eram abertas quando deixaram o colégio ?

### **Uma «*carreira*» de esposa**

Tudo indica que, nos anos 1960, a primeira via aberta, a essas ex-alunas de um colégio reputado como um dos melhores da cidade do Rio de Janeiro continuava a ser — como fora para suas mães — o casamento. A cultura escolar católica de tradição francesa na qual tinham sido socializadas ensinava às meninas do *Sion* que o casamento era feito para durar, como ensina a religião, «*até que a morte os separe*» ou seja, a vida inteira. Isso configura bem a perspectiva longitudinal de «*decorso de uma existencia*» (Ferreira, 1985) veiculada pela palavra *carreira* até mesmo no discurso de sentido comum. Segundo Alice, «*a orientação moral e religiosa [do Sion] valorizava a vida familiar*», incitava as alunas a casar-se e a formar uma família. Com efeito, independentemente de seus projetos prioritários, pouco menos da metade (nove pessoas) das alunas da turma de 1949-1961 que responderam ao questionário se casou tão logo saiu do colégio — às vezes com o primeiro namorado, como Alice — ou abandonou a universidade para casar.

A questão que se coloca é se podemos efetivamente aplicar ao casamento o conceito sociológico de *carreira*. Seria legítimo falar de uma «*carreira de esposa*» ?

Aplicado anteriormente com exclusividade ao mundo do trabalho, de « profissão na qual uma pessoa se engaja e deve percorrer as etapas » (Le Robert, 1975), o conceito de carreira recebeu um sentido mais amplo desde os trabalhos dos pesquisadores da primeira geração da Escola de Chicago. No entanto, são os trabalhos de Becker e Goffman que vão lhe emprestar sua força analítica. Esse último autor eliminou inteiramente qualquer conotação profissional do conceito de carreira, estendendo-lhe o sentido. O ponto de referência de seu conceito de « carreira moral » é antes a interseção entre a pessoa e a estrutura social, ou seja, a maneira pela qual o ator incorpora ou integra essa estrutura sem que nenhuma instância seja determinada pela outra. Penso que o casamento pode ser considerado uma carreira moral, na medida em que é uma instituição socialmente enquadrada por normas precisas, às quais se pode emprestar um sentido individual bastante forte.

A « carreira moral », segundo Goffman (1961, pp. 179-180),

- « se elabora nos limites de um sistema institucional » — no caso, a situação oficial do indivíduo dentro do casamento e da família, as normas sociais que lhe dizem respeito e que deve acatar.
- Consiste « no que é comum aos membros de um determinado grupo social, sempre se passando individualmente e de maneira independente em cada um deles » — ou seja, a aspiração e a representação social do casamento são vividas por cada indivíduo de maneira diferente, segundo seu gênero, sua idade, sua cultura e/ou segundo as representações locais.
- Refere-se sobretudo « às modificações que intervêm na personalidade devido a essa carreira e às modificações do sistema de representações através do qual o indivíduo toma consciência de si mesmo e apreende os outros » — ou seja, permite mostrar como cada aluna vai construir sua identidade de mulher casada, que mudanças íntimas vai experimentar em seu casamento e como vai julgar as demais a esse respeito.

**TABELA II**  
**SITUAÇÃO CONJUGAL**  
**DAS ALUNAS ENTREVISTADAS, TURMA 1949-61**

Situação conjugal	Classificação das alunas	Número de filhos	Sem filhos	Acumularam casamento e trabalho
<b>Casadas com o primeiro marido até o dia de hoje (oito alunas)</b>	Alice Aliana Ana Maria Angelina Cecilia Maria Teresa Neuza StellaM,	Alice, cinco filhos Aliana (s/informação) Ana Maria, um filho Angelina, dois filhos Cecília, três filhos Maria Teresa, um filho Neuza, dois filhos Stella M., três filhos		Aliana Angelina Ana Maria <b>Não todo o tempo</b> Alice Cecília Maria Teresa Neuza
<b>Viúvas, não se casaram mais (três alunas)</b>	GloriaMaria Thereza Vera	Thereza, três filhos Vera, quatro filhos	Glória Maria	
<b>Divorciadas/separadas, casaram de novo uma vez (cinco alunas)</b>	Amanda Angela Silvia StellaF Vera Lucia	Amanda, três filhos Silvia, dois filhos Stella F., dois filhos Vera Lucia, três filhos	Angela	Angela StellaF <b>Não todo o tempo</b> Silvia
<b>Divorciadas/separadas, casaram de novo mais de uma vez (uma aluna)</b>	Sonia	Sonia, três filhos		Sonia
<b>Nunca se casaram (três alunas)</b>	Anna Lucia M <sup>a</sup> Regina Maura		Anna Lucia Maria Regina Maura	

Fonte : questionários

Via de regra, elas ficavam casadas « para sempre », ou o máximo de tempo possível, ainda que o marido não correspondesse às suas expectativas, ainda que não se sentissem bem na situação. Sete alunas<sup>4</sup> continuam casadas com o primeiro marido até os dias de hoje, com frequência dependem dele financeiramente, tendo desenvolvido um núcleo familiar estável, com filhos e netos. Algumas delas, como Cecília e Amanda, ficaram casadas ainda quando o marido não mais lhes convinha, na medida em que a socialização sionense as constrangia a manter « o papel específico de mãe feliz e esposa culta » (Saint-Martin, 1990, p. 62). Três outras, cujos maridos faleceram quando elas eram relativamente jovens, nunca mais se casaram.

A sociedade moderna intervém, alargando as fronteiras da « carreira de esposa », embora não sem dor. Nos anos 1950/1970, ou seja, na geração estudada em

<sup>4</sup> Elas eram oito na data da pesquisa, mas tive que eliminar Cecília, que se separou em 2006, aos 65 anos de idade.

profundidade, a separação<sup>5</sup> continuava a ser anátema. Os condicionamentos a que tinham sido submetidas dificultavam ir contra « os imperativos da moral burguesa e católica » (Saint-Martin, 1990, p. 69) transmitidos pelo colégio, as famílias tinham « *vergonha da separação* » (Silvia). Apesar disso, cinco delas se separaram e se casaram de novo, uma delas refez sua vida mais de uma vez.

Entretanto, mudar de marido não significa romper com a « carreira de esposa ». Para usar uma metáfora da sociologia das profissões, é como mudar de trabalho na mesma área : dava-se apenas seqüência à carreira com outro patrão, digo, com outro cônjuge, reproduzindo as mesmas características. Depois de uma separação, elas queriam acima de tudo « *encontrar uma pessoa* » (Amanda) para não ficar sozinhas, pois a célula matrimonial é fundamental em sociedade ; não mais serem obrigadas a trabalhar, poder consagrar-se ao bem-estar e à carreira profissional do marido até que a morte, ou outra separação, viesse a desuni-los.

No entanto, apesar de toda a carga ideológica recebida, parece que as meninas do *Sion* tinham uma certa vergonha em confessar que gostariam de assumir uma « carreira de esposa ». Como vimos acima, apenas Amanda e Thereza a declararam como projeto único; e poucas a assumiram de maneira tão coerente como Vera Lucia — cujo projeto associava uma formação universitária ao casamento — que se casou muito cedo, teve três filhos, nunca frequentou uma universidade, nunca trabalhou, divorciou, casou de novo e praticamente não sai sem o marido. Pode ser que o caráter exclusivo da « carreira de esposa » — que Amanda equipara a um « *dever* » — as assuste um pouco, que tenham necessidade de proteger-se negando pelo menos verbalmente o desejo de assumi-la. Tudo se passa como se temessem reproduzir o modelo de suas mães, como se tivessem necessidade de afirmar que não se deixariam consumir pelo « dever de estado » nem monopolizar por seus cônjuges como as mulheres das gerações passadas — a exemplo da mãe de Silvia, a quem o marido « *não dava muito tempo* ». Assim, Neuza declarou que sua situação atual de dona-de-casa corresponde « *sem nenhuma dúvida* » ao que aspirava, porque « *sempre sonhei em ter minha casa, filhos, curtir um bom marido, ser amada e respeitada* ». A tabela I mostra, no entanto, que seu único projeto era « cursar uma universidade » — projeto que ela foi forçada a abandonar para assumir a direção das

---

<sup>5</sup> O divórcio só foi autorizado legalmente no Brasil pela Lei nº 6.515 de 26 de dezembro de 1977, depois da longa luta do Senador Nelson Carneiro.

empresas paternas depois que seu pai faleceu. Ao casar-se, ela deixou de trabalhar e reorganizou sua vida, centrando-a na família e na educação dos filhos — para quem foi « *uma mãe responsável, super-dedicada e um pouco autoritária* » — e na sociabilidade ao lado do marido, pois « *somos um casal muito bem relacionado* » em Florianópolis, onde ela refez sua vida. Assim, ela parece sentir-se plenamente realizada dentro da « *carreira de esposa* » que não escolheu, mas que terminou por assumir.

Por sua vez, Stella M., que realizou efetivamente seu único projeto de formar-se, apressou em casar-se logo depois da formatura do curso de museologia, nunca exerceu a profissão e assume até hoje uma brilhante carreira de esposa. Já Silvia, que interrompeu os estudos para casar-se, guarda até hoje um forte sentimento de culpa por não ter prosseguido sua formação. Mesmo Alice, que deu efetivamente prioridade à « *carreira de esposa* » casando-se logo ao sair do colégio, tem necessidade de reafirmar constantemente o outro projeto que lhe era associado, ou seja, o desejo de cursar uma universidade. Ambas — Sílvia, que « *nunca gostou de estudar* », e Alice, excelente aluna — mostraram a importância que tinha para elas o projeto universitário, ao reiterar a vontade de retomar os estudos, apesar disso não ter sido possível. Fossem elas boas ou más alunas, suas respostas deixam a impressão que a formação universitária não entrava realmente em suas prioridades, mas funcionava como uma espécie de álibi valorizador. Apesar de mais equilibrada do que nos anos 1930/1940 com relação ao exercício de uma atividade profissional pela mulher, a educação que se recebia no *Sion* — como em *Notre Dame des Oiseaux*, de Sèvres — « *continua centrada no preparo do papel específico de mãe ‘feliz’ e esposa culta, com um emprego (embora disposta a abandoná-lo), pia e envolvida em ações caridosas* » (Saint-Martin, 1990, p. 62). Maria Cecília, da turma de 1947-1959, não se lembra « *de ter recebido em toda a sua vida escolar qualquer tipo de orientação profissional e muito menos uma preocupação qualquer com relação à escolha profissional* ».

A « *carreira de esposa* » não as protegia de um acidente de percurso : crise conjugal, separação, divórcio ou viuvez. Quando se viam « *desempregadas* », isto é, privadas do apoio marital, as alunas do *Sion* encontravam em sua educação de « *mulheres fortes* » os recursos necessários para sustentar a família. Algumas delas foram compelidas a ir dez, vinte anos depois de formadas, em busca do diploma que não tinham obtido ao sair do colégio. Depois de enviuvar, Thereza se inscreveu, em 1983, no curso

de Direito das Faculdades Cândido Mendes. Uma vez formada, prestou concurso para fiscal de atividades econômicas da Secretaria Municipal da Fazenda da Prefeitura do Rio de Janeiro, começando tardiamente uma carreira profissional que lhe permitiu educar seus três filhos e manter um bom nível de vida. Parece que tomou gosto à independência... pois embora viva maritalmente com outro homem, não deseja voltar a casar-se. Ela se encaminha talvez em direção à reprodução do modelo materno de « mulher forte » que, ao enviuvar, tornou-se funcionária pública e assumiu sozinha a educação dos filhos. As que nunca tinham feito um curso universitário buscaram um emprego condizente com seu nível de instrução e seu capital social, que exerceram até se casar de novo. Por exemplo Amanda, que « *sempre gost[ou] de tudo o que dizia respeito à arquitetura e à decoração* », foi trabalhar como antiquária e *marchande* de arte.

Para a grande maioria das meninas do *Sion*, a « carreira de esposa » era central e se prolongava quase necessariamente pelo desejo de « *ser sobretudo mãe de família* » (Amanda) — instrumentalizando de certa forma a escolha do cônjuge dentro de uma perspectiva de reprodução familiar. Dezessete das vinte entrevistadas se casaram, praticamente todas (menos duas) tiveram filhos e se consagraram à sua educação, transmitindo-lhes os valores que tinham aprendido no *Sion*. Veremos abaixo aquelas que, recusando a dependência que implicava, em princípio, a « carreira de esposa », assumiram, desde que se formaram na faculdade, uma carreira profissional — combinando-a ou não com o casamento.

### **As carreiras profissionais**

As perspectivas de carreira profissional para as mulheres até os anos 1960 eram bastante limitadas : « *ou se era professora primária ou se trabalhava em banco* » (Garcia, 2007<sup>6</sup>). Na geração anterior à das meninas do *Sion* entrevistadas, quatro mães tinham feito uma carreira profissional que rompia com esse modelo : apesar de terem sido formadas para ser professoras primárias e de terem exercido essa profissão durante algum tempo, as mães de Angela e Vera buscaram outros empregos, embora sem ultrapassar os limites da época. A primeira prestou concurso para o Banco do Brasil, chegando a ser funcionária executiva de nível superior por promoção interna ; a segunda

---

<sup>6</sup> Entrevista com Norma Schaeffer, ex-aluna do colégio Coração de Jesus, Florianópolis, 1935-1939, cortesmente cedida por Leticia Cortellazzi Garcia.

tornou-se arquivista do Ministério da Fazenda. A mãe de Stella F., que tinha um diploma técnico de contabilidade, foi contadora e funcionária da Comissão Jurídica Interamericana da OEA e a de Thereza, com nível ginásial, tornou-se funcionária pública [sem maiores informações].

Na época de suas filhas, a tradicional carreira de professora primária se transformara, por força da translação global do sistema de ensino, em professora universitária. A de bancária ou funcionária cederia lugar a empregos públicos mais qualificados que requeriam um diploma universitário, como o de técnica de diferentes ministérios ou secretarias estaduais. No fim dos anos 1960, o IPEA (Ministério do Planejamento) começara mesmo a incentivar seus funcionários mais qualificados a fazer um mestrado nos Estados Unidos, já que as oportunidades nacionais na área de ciências sociais e econômicas eram ainda inexistentes. As ex-alunas de *Sion* que fizeram carreira seguiram carreiras acadêmicas (cinco alunas), carreiras funcionais (três alunas) ou carreiras atípicas (duas alunas), como passo a comentar.

Há dois grandes condicionantes na área das carreiras femininas. O primeiro está ligado à origem social e à história familiar; o segundo à reprodução de um modelo escolhido dentro da família, em geral a mãe. A análise do primeiro grupo de condicionantes mostra que a história de cada indivíduo está inserida numa história familiar, ela mesma incluída numa história social. Com poucas exceções, as que fizeram carreira eram quase todas oriundas de famílias em recuperação de *status* — com exceção de Maria Regina e Anna Lucia, cujas famílias tradicionais tinham mantido o *status* ao longo do tempo. Dentro da população analisada, poucas famílias eram tão homogêneas em termos de nível cultural de forma a permitir uma generalização à maneira de Bourdieu (1979), de que haveria famílias que valorizavam mais o capital cultural do que o capital econômico. Uma análise rápida de sua genealogia mostrou que, entre as alunas que seguiram uma carreira acadêmica, nem todas tinham avós, e sequer pais, com nível universitário — exceção feita a Angelina, em cuja família todos os homens (pai, avô paterno, avô materno) tinham nível superior. A entrada na carreira acadêmica era percebida como uma maneira de aceder a um *status* social mais elevado. O itinerário das alunas revela, por vezes, influências de membros da família mais letrados: o tio de Anna Lucia, diretor do Patrimônio Histórico Nacional, a influenciou no sentido de se inscrever no curso de museologia, carreira que ela acabou abandonando; os tios maternos de Angela, ambos engenheiros; sua tia materna, funcionária do Ministério da Justiça, e o

marido desta, um diplomata polonês de origem nobre, que tinham morado muitos anos na Europa, também pesaram concretamente em suas escolhas. Por outro lado, o que Gaulejac (1999) chama de « romance familiar » — ou seja, a história da família, real ou mítica, tenham as pessoas se conhecido ou não — também propiciava um maior conhecimento do patrimônio intelectual do grupo, uma circulação mais ampla da história familiar. Angelina pensa que « *meu amor aos livros veio da influencia de dindinha Leonor, o amor às artes veio de minha avó e meu amor à poesia do meu padrinho* ». Angela nunca conheceu seu avô materno — professor universitário de economia e direito, professor de francês da Escola Normal do Rio de Janeiro, poeta e tradutor — nem seu tio materno — médico psiquiatra, introdutor da psicanálise no Brasil segundo os mitos familiares — e, no entanto, há em sua carreira vestígios de ambas as influências em sua abertura em direção à psicanálise, em seu trabalho de tradutora do francês, em sua vasta coleção de livros de poesia.

No que se refere ao segundo grupo de condicionantes, em três casos, o fato da filha ter exercido uma carreira formal era ligado ao fato da mãe ter tido, já em sua época, uma carreira — com frequência inferior à da filha do ponto de vista do *status*, mas equivalente em termos de responsabilidade. O fato da mãe ter feito carreira permitiu à filha incluir essa perspectiva em seu horizonte de possíveis e pensar-se nestes termos, facilitando o trabalho de reprodução. Estão nesse caso Angela, Stella F. e Thereza. A mãe de Stella F. fez uma carreira profissional tardia de nível técnico (contadora da OEA); sua filha também fez tardiamente carreira como professora de psicologia na Universidade Federal de Juiz de Fora. A mãe de Angela foi funcionária executiva superior e chefe de seção no setor bancário público, com apenas o curso normal de 2º grau; sua filha fez uma carreira de pesquisadora no *Centre National de la Recherche Scientifique* na França, com *status* de funcionária pública. No caso de Thereza, as carreiras funcionais da mãe e da filha se deram mais ou menos ao mesmo nível de responsabilidade embora, devido à diferença de geração, a mãe tenha podido aceder a ela apenas com nível ginásial e a filha tenha sido obrigada a cursar uma faculdade para poder prestar concurso. Nesse último caso, a reprodução do modelo materno parece se prolongar na vida pessoal pelas reticências a um segundo casamento.

Mas a influência materna não é exclusiva nem a única possível. Outras alunas chegaram a fazer carreira profissional sem que a mãe tenha sequer trabalhado fora — embora a mãe de Aliana fosse bacharel de direito, nível de instrução excepcionalmente



alto para as mulheres de sua geração. Nesse caso, provavelmente, a influência veio do pai ou de outras mulheres do círculo familiar.

As alunas que fizeram carreira acadêmica chegaram a ela mais cedo ou mais tarde. Algumas podem ser classificadas dentro do que chamei de itinerário de « herdeiras » (Xavier de Brito, 2004) — embora não completamente, dado que nem seus pais nem suas mães dispunham de *habitus* acadêmico. Mas mesmo os pais que não conheciam por dentro os meandros do sistema universitário mobilizavam todos os recursos que possuíam, tinham um certo capital social na área acadêmica, sabiam onde conseguir informações. No caso de Angela, foi o diretor do Departamento de Sociologia da PUC-RJ, colega de faculdade de seus tios que freqüentou a casa de seu avô materno quando solteiro, quem aconselhou sua mãe a matriculá-la em sociologia, « *carreira de futuro para as mulheres* » segundo ele. A vocação de cientistas que animava Angela e Maria Regina começou a se formar ainda dentro da faculdade de Sociologia da PUC-RJ e beneficiou da « *sponsored mobility* » (Turner, 1960) de Candido Mendes, professor de Teoria das Revoluções. Boas alunas, ele as distinguiu entre as demais e facilitou seus primeiros passos no projeto de profissionalização. Depois de um excelente trabalho sobre o conflito sino-soviético, ele convidou Maria Regina a ser sua assistente, antes mesmo dela se formar. Hoje em dia, ela é professora titular do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)<sup>7</sup> e professora associada do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da PUC-RJ. Já Angela começou sua carreira profissional de socióloga a convite do mesmo professor, dois anos antes de sua formatura, no que era então o embrião do IUPERJ, onde ela trabalhou até que os incidentes políticos ligados ao golpe de 1964 a obrigaram a interromper sua carreira no Brasil.

Outras se aproximaram ocasionalmente da área acadêmica — como Stella F., formada em psicologia, que dava aulas durante certos períodos; ou Maura, formada em filosofia, professora da Faculdade de Letras da UFRJ antes de se consagrar às atividades editoriais. No entanto, elas só vão prestar concurso e empreender carreira nesta área muito mais tarde, aos cinqüenta anos. Infelizmente não pude obter detalhes semelhantes para todas as ex-alunas. Com relação a Angelina, sei apenas que sua mãe tinha curso normal completo e nunca trabalhou; que o início de sua carreira acadêmica no

---

<sup>7</sup> O IUPERJ dependia nessa época da Sociedade Brasileira de Instrução, das Faculdades Reunidas Candido Mendes. Hoje em dia, ele se intitula Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) e seus pesquisadores dependem da UERJ.

Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia se deu em 1977; que ela cumpriu todos os requisitos acadêmicos de formação chegando até o doutorado, que se aposentou em 2006 e que seguiu paralelamente uma carreira de escritora. Sobre Aliana, cuja mãe era bacharel em Direito sem nunca ter trabalhado, sei que deu aulas de Direito Civil na PUC-RJ, mas desconheço seu *status* nessa universidade — embora ela tenha feito mestrado e doutorado na área.

Como a « carreira de esposa », as carreiras profissionais se inscreve[m] na continuidade de seu itinerário « sem ser um bloco necessariamente coerente » (Lahire, 2006, p. 14). Seu projeto intelectual é antes o fruto do desenvolvimento intelectual e moral de toda uma vida, com todos os percalços e contradições que lhe são inerentes, correspondendo bem à definição de « carreira moral » de Goffman. Essas carreiras eram ainda bastante duradouras e resistiram aos imprevistos e aos incidentes de percurso : migração interestadual para Angelina, militância política para Maura, divórcio e migração interestadual para Stella F., militância, prisão e exílio políticos para Angela. As que empreenderam uma carreira universitária podiam se ver afastadas por certo tempo das atividades dessa área por razões independentes de sua vontade mas, como os gatos, voltavam logo a cair sobre suas patas acadêmicas, retomando o exercício da profissão intelectual. Todas elas têm mestrado e doutorado, duas no exterior<sup>8</sup>, e trabalharam até se aposentar.

Outras alunas empreenderam o que se pode chamar de uma carreira funcional, precoce ou tardia. Aliana deve ter começado cedo sua carreira de funcionária pública do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, porque já se aposentara em 2003<sup>9</sup>; mas Glória Maria e Thereza só tomaram a decisão de prestar um concurso depois de enviuar. A primeira se aposentou em 2010 de um emprego de técnica em comunicação social em tempo parcial na Secretaria da Cultura do estado do Rio de Janeiro; a segunda é ainda funcionária da Secretaria Municipal da Fazenda.

Duas alunas exerceram uma profissão para quem a aplicação do conceito tradicional de carreira pode ser questionável : a « carreira » de psicanalista autônoma. Como a « carreira de esposa », ela não corresponde aos critérios clássicos desse conceito,

---

<sup>8</sup> Maria Regina tem mestrado e doutorado nos Estados Unidos; Angela, na França; Stella F. fez estágio sanduíche de doutorado nesse mesmo país.

<sup>9</sup> Aliana mantém ainda um consultório de advocacia e um atelier de tapeçaria, além de ocupar a cadeira n° 39 da Academia Brasileira de Belas Artes.

cuja tendência é privilegiar as carreiras feitas « no seio de uma estrutura burocrática » onde o sucesso, o poder e o prestígio são racionados ou distribuídos gradualmente « segundo um certo número de patamares » (Mannheim, 1952, pp. 247-248). Para poder aplicá-lo à área da psicologia/psicanálise, é preciso remeter às evoluções que o próprio conceito de carreira sofreu dentro da escola de Chicago, quando se começou a reconhecer que uma carreira « pode ser concebida como o conjunto de ajustamentos mais ou menos bem sucedidos às instituições e às organizações formais e informais em cujo contexto se pratica uma profissão » (Hall, 1948, p. 327) [o grifo é meu]. Uma análise empírica das carreiras de Stella F. e de Anna Lucia mostra que ambas revestiram forma bastante específica à área, caracterizando-se mais pela vinculação ativa às instituições da comunidade científica do que pela ascensão progressiva dentro de um sistema previamente estruturado. Antes de prestar o concurso para professora universitária em 1999, Stella F. se dedicara por trinta anos (1968-1998), em tempo integral, à psicologia psicossomática em clínica privada. Ela combinou periodicamente o trabalho autônomo de psicóloga com atividades acadêmicas : deu aulas na PUC-RJ por um primeiro período de cinco anos (1967-1971) e um segundo período de três anos (1984-1986). Já Anna Lucia se formou em psicologia nos anos 1970 por « decisão pessoal » e se consagrou à profissão de analista em tempo parcial, em consultório particular.

No momento da pesquisa, Stella F.<sup>10</sup> era coordenadora do Centro de Psicologia aplicada e do Núcleo interdisciplinar de Investigação Psicossomática do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora ; membro da Comissão de implantação do Centro de atenção à saúde da mesma universidade ; coordenadora do Núcleo de Psicanálise e Psicossomática; membro do Conselho diretor da Sociedade de Psicanálise da cidade do Rio de Janeiro; e membro da Associação profissional de psicólogos do estado do Rio de Janeiro, onde participou da Comissão de Organização do Sindicato de Psicólogos do estado do Rio de Janeiro e da primeira diretoria, como tesoureira. Anna Lucia faz « *parte da Cooperativa de Psicólogos do Rio de Janeiro e é membro do Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro, atualmente eleita para a Comissão de Formação Permanente* ». Percebe-se assim que, nesse tipo de carreira, « o capital simbólico objetivado, codificado, delegado e garantido pelo Estado, burocratizado, [foi substituído por] um capital simbólico difuso, fundado apenas sobre o reconhecimento

---

<sup>10</sup> Stella F. se aposentou em 2010.

coletivo » dos pares (Bourdieu, 1994, p. 121).

Poucas das que exerceram uma carreira profissional renunciaram à « carreira de esposa », embora a seguissem com relativa independência. Nem mesmo Aliana, que se consagrou com afinco à carreira profissional, seu projeto exclusivo, deixou de se casar e de ter filhos. Todas, exceto três, se casaram — algumas até mesmo mais de uma vez — acumulando vida familiar e profissão; e quase todas, exceto duas, tiveram filhos, com frequência mais de um.

**TABELA III**  
**CARREIRAS EFETIVAMENTE EMPREENDIDAS**  
**PELAS EX-ALUNAS DE *SION***

TIPO DE CARREIRA		NOME DAS ALUNAS
« Carreiras de esposa » (onze alunas)		Alice, Amanda, Cecília, Glória Maria, Maria Teresa, Neuza, Silvia, Stella M., Thereza, Vera, Vera Lucia
Carreiras profissionais	Carreira acadêmica (cinco alunas)	Angela, Angelina, Maria Regina, Maura, Stella F.
	Carreira de psicanalista autônoma (duas alunas)	Anna Lucia, Stella F.
	Carreira funcional tardia (três alunas)	Aliana, Glória Maria, Thereza,
	Carreira empresarial (cinco alunas)	Ana Maria, Maura, Maria Teresa, Sílvia, Sonia
Trabalharam fora sem fazer carreira (cinco alunas)		Alice, Amanda, Cecília, Neuza, Vera

Fonte : questionários (mais de uma opção possível)

Examinemos agora que outros tipos de carreira estariam ainda abertas às meninas do *Sion*, além da « carreira de esposa » e das carreiras profissionais. Quais seriam seus critérios, ao escolher seus destinos profissionais ?

### **Carreiras empresariais**

Se a maioria das alunas que exerceu uma profissão seguiu um caminho tradicional, empreendendo uma carreira universitária ou funcional, cinco delas (Ana Maria, Maura, Maria Teresa, Sílvia, Sonia,) vão manifestar espírito de iniciativa e criar suas próprias empresas, senão inventar suas próprias profissões. A maior parte delas afirma que a educação recebida em *Sion* contribuiu para que pudessem dar esse passo. O termo carreira é aqui aplicado àquelas que « trilharam o mesmo caminho [profissional]

pela maior parte de sua vida » (Xavier de Brito, 1991) sem necessariamente se conformar a uma estrutura pré-estabelecida, chegando por vezes a adquirir alto grau de celebridade em seu ramo, como Ana Maria e Sonia.

Para as que empreenderam esse tipo de carreira, os itinerários são bastante díspares — justificando a idéia de que « as lógicas individuais não são necessariamente homogêneas, elas são submetidas aos azares da vida e da personalidade » (Lahire, 2006, p. 18). Duas delas (Sílvia, Maria Teresa) vão abandonar a universidade para casar-se, uma das quais vai retomar os estudos numa área inteiramente diferente vinte anos mais tarde ; duas outras (Maura, Ana Maria) se formaram logo após sair do colégio e trabalharam durante toda a vida, embora não na profissão para a qual tinham sido formadas; a última fez, dez anos depois, uma universidade ligada à profissão que iria exercer (Sonia). Todas, exceto uma, se casaram e tiveram filhos. Maria Teresa — uma das que abandonou a universidade para casar-se nos anos 1960 — empreendeu uma « carreira de esposa » até que sua filha única se formou em direito. Elas fizeram então o plano de abrir, junto com outros sócios, um escritório de advocacia, o que obrigou a mãe a voltar à universidade nos anos 1980. Coursar uma faculdade no contexto de uma « carreira de esposa » não foi coisa fácil : Maria Teresa passou o vestibular para a faculdade de direito Santa Úrsula, cursou durante um mês, interrompeu os estudos para acompanhar o marido ao Pará, onde voltou a retomá-los entre 1981-1983, retornou ao Rio em 1984 e continuou sua formação, graduando-se em 1986. Só então pôde abrir o escritório onde trabalhou junto com a filha até 2010, data em que se aposentou. Sílvia, que também interrompera os estudos para casar-se, decidiu abrir com uma sócia uma academia de balé, coisa de que sempre gostara, quando ainda estava casada com o primeiro marido. Segundo ela, não se tratava propriamente de uma atividade econômica, porque « *não dava nada, só dava porque eu gostava* », mas a mantinha ocupada e relativamente independente. Ela lamentou bastante quando, por ocasião da separação, ao precisar se manter sozinha, o pai lhe propôs ingressar em uma das empresas familiares mas exigiu que vendesse a academia « *por questões de política da empresa* ».

Maura formou-se em filosofia logo ao sair do colégio e foi professora dessa disciplina no ensino secundário durante seis anos (1967-1972), mas sempre trabalhou na área editorial. Desde a época da faculdade, foi tradutora/revisora, trabalhou para a Eldorado e a Francisco Alves até 1978, quando criou sua própria editora. Seu trabalho

editorial foi intenso e recompensador, os livros que publicou obtiveram vários prêmios, inclusive um Jabuti, atribuído às Edições Antares em 1979 pela melhor obra fora de coleção. Graças às suas atividades editoriais, foi convidada a integrar o Departamento de Comunicação da UFRJ, tendo que fechar a editora por exigência do serviço público nos anos 1990, depois que passou o concurso. Aposentou-se no cargo de professora adjunta 4 (com mestrado e doutorado) da Escola de Comunicação, mas continua trabalhando na área editorial como tradutora e fundou recentemente, com algumas sócias, o grupo Ganesha Editorial.

Ana Maria e Sonia foram as que deram provas de maior inventividade, pois idealizaram as profissões às quais consagraram suas vidas. Ana Maria engavetou o diploma de psicologia conquistado nos anos 1960 e lançou-se em uma « carreira » de promotora de eventos, fundando sua própria firma, a AMT consultoria internacional. Segundo ela, a idéia lhe veio de uma estada que fez em Nova York aos 19 anos, com a cumplicidade da avó — que conseguiu do pai de Ana Maria permissão para que a neta ficasse sozinha nessa cidade, sob a proteção de amigos dela, « *para aprender a falar inglês* ». Durante essa estada, a jovem, « *tímida e muito inexperiente nessa época* », não só aprendeu efetivamente a falar inglês como a se virar. Morou com pessoas da alta sociedade novaiorquina « *relacionadas com os colunistas sociais de Cholly Knickerbocker*<sup>11</sup> » (Ana Maria), observou festas e eventos organizados por um deles, que era *promoter*, relacionou-se com muita gente famosa. Quando voltou ao Brasil, um amigo da família a convidou a organizar um jantar para 5000 pessoas em homenagem ao General Médici. Depois de muito hesitar, ela aceitou « *e o acontecimento foi um sucesso, sendo inclusive elogiado pelo protocolo do Itamaraty* » (Ana Maria). Pouco tempo depois, ela fundou sua empresa, que existe até hoje. Sonia — a mais bela voz do coro do colégio, o violão que nos acompanhava nas festas de classe — sempre gostou de música. No entanto, seu projeto era o desejo de fazer uma « carreira de esposa » sem se deixar monopolizar por ela. Foi extremamente bem sucedida pois casou-se relativamente cedo, teve três filhos e refez duas vezes sua vida. Retomou os estudos nos anos 1970, casada, formando-se em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música. A partir daí,

---

<sup>11</sup> Principal coluna social dos Estados Unidos durante décadas, detrás de cujo pseudônimo se ocultava o trabalho coletivo de vários jornalistas, entre os quais o colunista Igor Cassini, que forjou, nos anos 1950, o termo '*jet set*' para substituir '*café society*'.

inventou a profissão à qual ia dedicar sua vida : « *Há mais de 25 anos [...] possuo uma escola de música com meu nome e criei um trabalho chamado 'cantoterapia'* » (Sonia).

Todas as ex-alunas que se dedicaram a essas carreiras específicas contaram com o capital social familiar, além do que acumularam no *Sion*, para fazer prosperar suas empresas e quatro delas conseguiram conciliar a « carreira de esposa » e a carreira profissional. As alunas restantes (Alice, Amanda, Cecília, Neuza, Vera) trabalharam fora ocasionalmente, sem fazer carreira. « Ocasionalmente » talvez não seja o termo justo, já que elas se dedicaram a atividades profissionais por períodos relativamente longos e ininterruptos, variando entre sete e dezoito anos. No entanto, as motivações para que se decidissem a trabalhar estavam sempre inseridas na « carreira de esposa », que tinha claramente a prioridade. Neuza abandonou logo que pôde a direção da empresa farmacêutica que seu pai fundara — tarefa inesperada da qual se desempenhou muito bem graças às qualidades adquiridas em *Sion*, tais como « *a pontualidade, o método, a organização e a responsabilidade* » (Neuza). O caso de Vera se assemelha ao de Neuza, com a diferença que ela substituiu o marido, não o pai. Vera trabalhara anteriormente, na época do colégio e durante a faculdade (1959-1966) como professora de francês e inglês. No entanto, deixou de trabalhar ao se casar e assumiu com convicção a « carreira de esposa ». Depois da morte do marido, ela o substituiu a tempo parcial na direção da CONSTENE (Consultoria Técnica e Negócios Ltda), sem nenhuma preparação prévia, como Neuza, contando apenas « *com as bases e os princípios do colégio* » (Vera). Não voltou a se casar e participa « *de maneira atuante na Igreja do meu bairro como ministra da Eucaristia, coordenadora da capela [e] de várias pastorais* » (Vera).

Cecília levou uma vida nos moldes tradicionais, cuidando sempre de preservar o casamento. No momento da entrevista (2004), tinha reassumido integralmente a « carreira de esposa », da qual se declarava-se « *aposentada 'extra-oficialmente', pois deixei de trabalhar [no escritório de advocacia familiar] há uns quatro anos para consagrar-me a meus dois netos, que curto muito* » (Cecília). Ela rompeu bruscamente a convivência doméstica em 2006, aos 65 anos, configurando o único caso de aposentadoria da « carreira de esposa » que jamais encontrei.

Alice, Amanda e Vera também trabalharam fora sem fazer carreira, evocando como razão, para umas, a necessidade « *de ajudar no orçamento doméstico* » (Alice), para outras, a obrigação de sustentar sozinhas a família. Alice foi decoradora autônoma

durante doze anos (1971-1983), enquanto morou no Rio de Janeiro e reconhece igualmente que « *a escolaridade e a educação [do Sion] muito ajudaram, quando precisei trabalhar* » (Alice). Atualmente aposentada, continua a cumprir seu dever de esposa, ajudando o marido em sua empresa rural, onde assume « *todas as tarefas ligadas à casa, ao jardim e à horta, comercializa de forma caseira mel, manteiga, cachaça e artesanato de folha de bananeira e se ocupa da parte financeira da casa* », além de realizar junto com ele atividades benévolas « *dentro das equipes de Nossa Senhora, das quais ambos participamos* » (Alice). Já Amanda adotou o *métier* de antiquária e *marchande* de arte por conta própria, a tempo parcial, depois de seu divórcio, durante cerca de onze anos, até casar-se de novo. Está atualmente aposentada. Note-se que dispunha de fortuna própria e que, provavelmente, a função do trabalho era antes suprir o vácuo causado pela ausência da devoção ao bem estar de um marido. Nessa atividade profissional, a educação do *Sion* lhe foi de dupla valia : por um lado, sua formação cultural lhe deu « *um gabarito maior diante de outros comerciantes que, no Brasil, são a 90% saídos das classes inferiores* » (Amanda); por outro lado, o capital social que ela sempre tomou cuidado em cultivar no colégio, muito além de suas colegas de classe, lhe foi de grande utilidade. « *As sionenses sempre foram solidárias com meu trabalho, indicando meu nome para que eu formasse uma boa clientela* » (Amanda).

Retomando a idéia sartriana de projetos de vida, a Tabela I permite confrontar o que as meninas do *Sion* da turma de 1949-1961 avançaram como perspectivas e seu itinerário real, tal como foi expresso nas respostas ao questionário e através de observação pessoal. A grande maioria delas (quatorze alunas) se declarou plenamente satisfeita com o caminho que tomou, fosse ele uma « *carreira de esposa* » ou uma carreira profissional. Se, para a maior parte delas, essa avaliação apresentou um alto grau de coerência, para outras, o grau de satisfação com o nível de realização dos projetos parece ter mais a ver com um balanço extremamente subjetivo do grau de felicidade que obtiveram em suas vidas. A título de exemplo, Maura informa corretamente que realizou parcialmente seus projetos, já que sua brilhante carreira, seus encargos familiares e seu estilo de vida a mantiveram afastada do casamento, sua segunda aspiração. Já Neuza, cuja única aspiração confessada era fazer um curso universitário, diz ter realizado plenamente seus projetos, apesar de nunca ter se formado, por razões familiares. No



entanto, suas respostas deixam transparecer um alto grau de contentamento e de realização pessoal no seio de sua família. Ao contrário, Silvia, cujos indicadores poderiam ser lidos positivamente — criou sua própria companhia de dança, trabalhou em empresa familiar, casou-se duas vezes, teve dois filhos, mora em um apartamento amplo e agradável, em uma área nobre da cidade — considera não ter realizado seus projetos por não ter completado o curso universitário, apesar de confessar que « *nunca gostou de estudar* » (Silvia).

No entanto, tudo se passa como se o papel social para o qual as prepara a cultura escolar católica de tradição francesa — o casamento e a vida doméstica — continue a ser sua principal aspiração, ainda que isso não seja claramente enunciado. Se retomarmos as características que Saint-Martin (1990, p. 62) atribui a esse papel — de mãe feliz, esposa culta, trabalhando fora mas disposta a abandonar o emprego em função da carreira do marido, pia e envolvida em ações caridosas — veremos que a maior parte delas parece ter interiorizado a socialização do colégio. Com efeito, dezessete alunas se casaram, quinze fundaram uma família. O papel de mãe desfruta de um alto grau de consenso entre elas : a maioria (dez alunas) tem dois ou três filhos, a quem transmitiram os valores que aprenderam no *Sion*. Cerca de um terço delas (sete alunas) parece ter encontrado um certo grau de felicidade em seus casamentos, pois se encontram ainda casadas com o primeiro marido. Outras sete decidiram refazer suas vidas depois de uma separação ou de uma viuvez e reassumir uma « carreira de esposa ». As que vivem sozinhas hoje em dia (sete alunas) parecem ter escolhido essa opção. Seguramente são esposas cultas : a maioria delas têm uma avaliação positiva da cultura e dos valores que receberam no colégio. Alice ressalta « *a escolaridade e a educação* »; Vera, « *a base e os princípios do colégio* ».

A única discordância com relação à definição proposta por Saint-Martin (1990) é que nem todas que têm um emprego estariam dispostas a abandoná-lo. As que empreenderam desde o início uma carreira profissional, seja qual for o seu tipo, preferem mantê-la junto com o casamento. Estão nesse caso Aliana, Ana Maria, Angela, Angelina, Stella F. e Sonia. As que priorizam a « carreira de esposa » são sobretudo aquelas que nunca trabalharam, que trabalharam ocasionalmente ou que abandonaram o emprego (Alice, Amanda, Cecília, Glória Maria, Neuza, Stella M., Sílvia, Thereza, Vera e Vera Lucia). No entanto, ainda nesse caso, elas nem sempre dependeram inteiramente do

marido, pois chegaram ao casamento com um dote financeiro que lhes permitiu viver bem, mais tarde. Não tenho dados para todas, mas posso citar os exemplos de Alice, que tem « *como fonte de renda dividendos de uma empresa de eletricidade fundada por meu pai em Minas Gerais* »; de Cecília, que dispõe da « *renda de aluguéis de imóveis* » deixados pela família ; de Amanda, cuja « *herança paterna e materna* » lhe deu uma situação bastante confortável ; e de Silvia, em cuja família « *os velhos [...] foram coerentes porque todos souberam de uma maneira ou de outra manter as mulheres. Nós somos mantidas até hoje, todas, na família toda [...] com o mesmo nivelzinho, até hoje, com a graça de Deus* ». Não sei se posso chegar a dizer que são pias : entre as oito que se declararam católicas, apenas cinco orientam a vida pelos princípios de sua crença. Seis não acreditavam nem praticavam nenhuma religião na época da pesquisa. Nem todas matricularam os filhos em colégios católicos e entre as nove que o fizeram, apenas quatro deram como razão a formação religiosa. Mas seguramente lhes ficou o germe (social ?) da caridade. Um quinto delas (Alice, Amanda, Cecília, Vera, Sílvia) participa de atividades beneficentes ou contribui regularmente para obras de caridade.

O fato de ter cursado um « *colégio de elite* » como o Sion as fazia pertencer ou aceder « *a uma categoria privilegiada* », a « *assumir uma posição social de destaque* » (Cecilia). Qualquer que fosse a carreira adotada, as antigas alunas de *Sion* manifestaram alto grau de satisfação com a educação recebida e tem um balanço positivo de seus itinerários. Todas parecem lembrar-se com nostalgia « *de uma infinidade de detalhes e pequenas situações de sua agradável permanência no Sion* »; e pensam « *que seria necessário escrever um livro desse tempo que foi tão feliz* » (Amanda).

### **Bibliografia**

- BATTAGLIOLA Françoise; BERTAUX-WIAME Isabelle; FERRAND Michele; IMBERT Françoise. « À propos des biographies, regards croisés sur questionnaires et entretiens ». *Population* 48<sup>e</sup> année, n° 2, 1993, pp.325-346
- BECKER Howard. *Outsiders. Studies in the sociology of deviance*. Chicago, The Free Press, 1963.
- BERTAUX Daniel. *Histoires de vie — ou récits de pratiques ? Méthodologie de l'approche biographique en sociologie*. Rapport au CORDES, mars 1976a. 236 p.

- BERTAUX Daniel. « Pour sortir de l'ornière néo-positiviste ». *Sociologie et sociétés* vol. 8, n° 2, 1976b, pp. 119-134.
- BERTAUX Daniel. *Destins personnels et structure de classe*. Paris, PUF, 1977.
- BERTAUX Daniel, BERTAUX-WIAME Isabelle. *Une enquête sur la boulangerie artisanale par l'approche biographique*. Rapport au CORDES, mars 1980, 258 p.
- BOURDIEU Pierre, *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris, Minuit, 1979
- BOURDIEU Pierre, « L'illusion biographique ». *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n°62-63, juin 1986, pp. 69-72
- BOURDIEU Pierre, *La noblesse d'État*. Paris, Minuit, 1989
- BOURDIEU Pierre, *Raisons pratiques*. Paris, Seuil, 1994.
- BOURDIEU Pierre, *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris, Raisons d'agir, 2004.
- BRASIL, Ministério da educação. *Dados estatísticos sobre o ensino feminino 1960*. Brasília, Ministério da educação, Serviço de Estatísticas da Educação e da Cultura, 1960.
- DARMON Muriel. « La notion de carrière, un instrument interactionniste d'objectivation ». *Politix* n° 82, 2008/2, pp. 149-167.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Médio Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- GARCIA Leticia Cortellazzi. *La trajectoire des élèves du Colégio Coração de Jesus et la formation des femmes d'élite à Santa Catarina, 1935-1945*. Mémoire de Master2Recherche en Éducation et formation. Département de Sciences de l'éducation, Faculté des Sciences Humaines et Sociales, Université René Descartes-Paris 5, 2007.
- GAULEJAC Vincent de. *La névrose de classe*. Paris, Hommes et groupes, 1987
- GAULEJAC Vincent de. *Roman familial et trajectoires sociales*. Paris, Desclée de Brouer, 1999.
- GOFFMAN Erving, *Asylums. Essays on the condition of mental patients and other inmates*. New York, Doubleday Anchor, 1961.
- GULLENSTAD Marianne, « Les enfances imaginées. Modernité et construction du self dans les récits de vie ». *Éducation et sociétés* n° 3, 1999/1, pp. 9-30.
- HALL Oswald. « The stages of a medical career », *American Journal of Sociology* n° 53, march 1948, pp. 327-339.

- LAHIRE Bernard. *La Culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi*. Paris, La Découverte, 2006.
- LE ROBERT. *Dictionnaire de la langue française*. Paris, Le Robert, 1975.
- MANNHEIM Karl, *Essays on the sociology of knowledge*. London, Routledge and Kegan Paul, 1952.
- MEAD Georges Herbert, *Mind, self and society*. Chicago, University of Chicago Press, 1934.
- MOULINET Daniel. « La femme chrétienne. Modèle de la femme forte ». *Chrétiens et sociétés* n° 15, 2008. URL <http://chretienssocietes.revues.org/index1852.html>. Consultado em 18 de junho de 2011.
- OGBU John. « School ethnography, a multi-level approach ». *Anthropology and Education Quarterly* vol. 12, n°1, 1981, pp. 9-31.
- PARSONS Talcott, *The Structure of Social Action*. New York, McGraw-Hill, 1937.
- PASSERON Jean-Claude. « Biographies, flux, itinéraires, trajectoires ». *Revue Française de Sociologie* vol XXXI, n° 1, 1989, pp. 3-22.
- SAINT-MARTIN Monique de. « Une grande famille ». *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* n° 31, 1980, pp. 4-21
- SAINT-MARTIN Monique, « Une 'bonne' éducation. Notre-Dame des Oiseaux, à Sèvres ». *Ethnologie française* vol. 20, n° 1, 1990, pp. 62-70.
- SARTRE Jean-Paul. *Saint Genêt, comédien et martyr*. Paris, Gallimard, 1952.
- SINGLY François de, « Mariage, dot scolaire et position sociale ». *Economie et Statistique* n° 142, 1982, pp. 7-20.
- THOMAS William Isaac & ZNANIECKI Florian. *The Polish peasant in Europe and America. Monograph of an immigrant group*. 5 volumes. Urbana (Ill), The University of Illinois press, 1918-1920.
- TURNER Ralph H. « Sponsored and contest mobility and the school system ». *American sociological review* n° 25, 1960, pp. 855-867.
- XAVIER DE BRITO, *Construction de l'espace de formation brésilien et études à l'étranger. Stratégies et carrière morale des étudiants brésiliens dans l'Université française, 1960-1986*. Thèse de doctorat en sociologie dirigée par Viviane Isambert-Jamati, Université René Descartes-Paris 5, avril 1991.

XAVIER DE BRITO Angela, « Habitus de herdeiro, habitus escolar. Os sentidos da internacionalização nas trajetórias dos estudantes brasileiros no exterior ». In ALMEIDA Ana Maria, CANEDO Leticia, GARCIA Afrânio, BITTENCOURT Agueda. (orgs), *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, Editora da Unicamp, 2004, pp. 85-104

XAVIER DE BRITO Angela, *L'influence française dans la socialisation des elites féminines brésiliennes*. Paris, L'Harmattan, 2010.